Collecção CORREIO ELVENSE
I

A. THOMAZ PIRES

Cancioneiro Popular Politico

Trovas recolhidas da tradição oral portugueza

Collecção precedida de uma carta do Ex.mo Sr.
OLIVEIRA MARTINS

ELVAS
TYPOGRAPHIA PROGRESSO
8—Rua da Cadeia—8
1891

taneo do povo: são as do *Rei chegou*, no segundo capitulo. Ahi sim. Chega a respirar-se o odio violento que accendia as almas portuguezas n'essa longa crise de onze annos (1823-34) que se seguiu ao mallogro da revolução de 20.

Ahi mesmo, porem, a canção que foi o *Ça ira* do miguelismo, e que era já um transporte da melopea cantada pelos negros do Rio de Janeiro, quando celebravam a chegada de D. João VI, vendo n'elle um redemptor

Rei chegou, rei chegou,
Já a surra se acabou...

essa propria canção é infinitamente menos eloquente do que os jornaes e pamphletos da epocha, a *Besta esfolada*, o *Punhal dos corcundas*, etc.

Porque será? repito a interrogação: será por falta de nervos no povo? será por desinteresse pelas questões politicas? Mas nenhum d'estes motivos se póde allegar, nem para o caso da invasão franceza, nem para o da lucta do apostolismo e do liberalismo. Quanto a mim, n'este caso, a razão é outra: é que o povo portuguez nunca teve poesia politica, porque, a não ser na excepcional revolução de 1383-5, nunca os portuguezes deram provas d'um temperamento collectivo similhante ao que inspirou as *jacqueries* francezas d'onde saiu o *roman de Rou*, e as revoltas communaes flamengas, e as republicas italianas que geraram Mazaniello, e as revoluções apostolicas d'onde nasceu João de Leyde.

relativa aos fastos da guerra em 1834 ser uma variante de outra trova de cinco seculos antes, quando os lisboetas cercados diziam por mofa aos castelhanos que tambem tinham a sua côrte em Santarem:

Ex-vol-o vae
Ex-vol-o vem
De Lisboa
Para Santarem

De passagem, a correr, notei o que me pareceu mais importante na sua collecção; porque as canções relativas aos restantes acontecimentos politicos affiguram-se-me verdadeiramente dignas d'elles, e de mais nada.

E até, se não me engano, muito do que n'este livrinho figura como creação popular, não é tal do povo: é obra de fancaria politica feita por litteratos de escada *ad usum* da populaça.

Se alguem for avaliar o estado da consciencia politica do povo por estas suas creações poeticas, terá de concordar que esse estado se aproxima do vacuo. E talvez se não engane de todo. No que, a meu ver, o povo mostra a sua sabedoria.

Creia v. que sou com toda a consideração seu

. . . .

OLIVEIRA MARTINS.

O Junot mais o Manêta (1)
Eram dois finos ladrões,
O Junot rasgou as calças
E o Manêta os calções.

O Junot mái-o Manêta
Fizeram uma funcção,
O Manêta deu o braço,
O Junot o coração.

Ditosa serra da Estrella,
Que os portuguezes abrigou,
Onde os francezes tremeram
E o *Jinó* arrecuou.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos,
Por gloria só temos
Vencer ou morrer. (2)

---

(1) O general Loison.

(2) Côro do *Hymno patriotico da nação portugueza*, q
dem superior, as bandas militares tocavam em 1809.

—Oh! quem lhe quebrara ós ossos
Áquelle traidor e vil,
Que nos trouxe mais de 400:000
Inimigos!

—Foi talvez por temer os p'rigos,
(Tão astuto é elle, o tal)
Que obteve uma pastoral
Em nome do Padre.

Olhe, comadre,
O pae vivia de roubar,
O que se ha de esperar
Do Filho.

O tal peralvilho,
Fez dos nossos conventos praça,
Jesus, Paulistas e Graça,
E tambem *do Espirito Santo.*

—Oh! quem lhe déra, d'um canto,
Um tiro tão certo e forte,
Que lhe désse logo a morte,
Amen Jesus.

—✳—

Fóra *corcundas,*
Corcundas vis,
Nosso congresso
Não quer servis.

Até os proprios pastores,
Encostados ao bordão,
Gritam todos á porfia:
Liberal constituição.

Senhor padre, largue a moça,
Não seja tão maganão,
Pegue nas contas e reze:
Liberal constituição.

General (1) chegou á barra,
Voltou costas á nação,
Porque não quiz assignar
Liberal constituição.

Com carne, pão e vinho
Sustenta-se o Miguelinho,
Sem carne, vinho e pão
Sustenta-se a constituição.

---

(1) Beresfort.

Os soldados do commercio
Já não teem acceitação,
E só fazem exercicio
Á gaveta do patrão. (1)

Quando o Silveira (2) se viu
Entre o meio dos liberaes,
Prantou as mãos ao ceo:
—Ó meu Deus, que terminaes?

Os anjos lhe responderam:
—Silveira, não tenhas medo,
Pódem mais as Cinco-Chagas,
Que as constituições de Pedro.

Quando o Silveira se viu
No meio dos *consti'cionaes,*
Deitou os olhos ao ceo:
—Senhor que determinaes?

Um anjo lhe respondeu:
—Batalha, não tenhas medo,
Valem mais as Cinco-Chagas,
Que a constituição de Pedro.

---

(1) Motejos ao batalhão dos voluntarios do commercio de Lisboa.

(2) O general Manoel da Silveira Pinto da Fonseca, conde de Amarante em 1823, e depois marquez de Chaves.

D. Miguel quando chegou
Deu um suspiro e um ai,
Disse á sua augusta mãe:
Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu,
Com grande pena e ternura:
Já os malvados *malhados*
O teem na sepultura.

D. Miguel quando chegou
Ao palacio do seu pae,
Disse á sua augusta mãe:
Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu,
Com grande dôr e ternura:
Já os grandes libertinos
Lhe deram a sepultura.

D. Miguel chegou á barra,
A sua mãe beijou a mão;
—Anda cá, filho da minh'alma,
Não queiras constituição;

Quando entrou no seu palacio
Ao subir deu um ai,
Perguntou a sua mãe
Pelo seu augusto pae;

Descançai um bocadinho.

E' certo e mais que certo,
Que el-rei D. Miguel chegou
Lá á torre do Bugio,
Onde seu signal deixou.

D. Miguel desembarcou
Com 'mas esporas de prata,
A cavallo no Saldanha,
Claudino [1] de arreata.

Já os *malhados* não querem
Que lhes cantem mais cantigas,
Dão confeitos aos rapazes,
Amendoas ás raparigas.

Á entrada de Lisboa
'Stá um lencinho dobrado,
Com letras d'oiro que dizem:
Viva D. Miguel c'roado.

---

(1) **O general Claudino Pimentel.**

Elle já é rei,
Já não é cadete.

D. Miguel,
Lindo diamante,
Elle já é rei,
Já não é infante.

O alecrim é verde,
A rosa tem cheiro,
Viva D. Miguel,
D. Miguel Primeiro.

Ailé,
Tres vezes, tres vezes,
Viva D. Miguel,
Rei dos portuguezes.

O' Braga fiel,
O' Porto ladrão,
Que sempre quizeste
A constituição.

O' Braga fiel
Ao Telles Jordão,
Nunca quizeste
A constituição.

PREÇO: 200 RÉIS

Dar o seu a seu dono
E' um dever natural,
D. Pedro rei do Brazil,
D. Miguel de Portugal.

D. Miguel subiu ao throno,
D. Pedro assim o quiz,
Viva o senhor D. Miguel,
Que é senhor do seu nariz.

Entre Pedro e D. Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é rei
D. Pedro assim o quiz.

A's armas com valor,
Já marchou toda a nação,
Viva el-rei sôr D. Miguel
Mais a Santa Religião.

D. Miguel vae p'r'ó altar,
Com dois palmitos aos lados,
Em quanto se abrem masmorras
Para metter os *malhados.*

Viva o senhor D. Miguel
Toda a familia real,
Viva o senhor D. Miguel
Nosso rei de Portugal.

Da cabeça do Saldanha
Mandei fazer um tambor,
Para tocar á degolla
Ao conde de Villa Flor. (1)

Venha lenha, venha lenha,
Morra o Saldanha queimado,
Se ha por 'hi algum, que venha,
Que este vae 'stando aviado.

Já os *malhados* não querem
D. Miguel por capitão,
Ora agora ahi o teem,
Por isso, rei da nação. (2)

Já os *malhados* não querem
D. Miguel por general,
Ora agora ahi o tendes,
Feito rei de Portugal. (3)

Logo que el-rei subiu ao throno,
E convocou os Tres Estados,
Logo o meu coração disse:
Levou o diabo os *malhados*.

---

(1) Depois duque da Terceira.
(2) Variante: Feito rei d'esta nação.
(3) O regimento de artilheria n.º 3 (de guarnição em Elvas) tinha por musica uma banda de tambores, um bombo e pifanos, e quando sahia sobre parada a qualquer exercicio, ou funcção para que o nomeavam, esta extravagante musica agradava tanto aos rapazes, que se juntavam, em numero talvez maior de duzentos, cantando esta copla.

Um *malhado*, dois *malhados*,
Dois *malhados* que farão?
Quizeram roubar a c'rôa
E a Santa Religião.

Quem quizer comprar *malhados*,
Vá lá baixo ao casarão,
Os pequenos a *dérreis*,
Os maiores *mêa* tostão.

Se encontrares algum *malhado*,
Foge d'elle, que é ladrão,
Rouba a c'rôa a D. Miguel,
E o dinheiro á nação.

Estes *malhados* do Porto
Realistas querem ser,
Descoseram as casacas
Para as tornar a coser.

Os *malhadinhos* do Porto
Realistas querem ser,
Querem virar a casaca,
Não a sabem descoser.

Morram, morram, morram,
Acabem já de morrer,
Morram todos que diziam,
Que nós que a haviamos de roer.

O nosso rei D. Miguel
E' bonito e bem feito,
Prometteu aos *realistas*
Uma medalha p'r'ó peito.

D. Miguel é pequenino,
E' pequenino e bem feito,
Prometteu aos seus soldados
Uma medalha p'r'o peito.

Senhora da Conceição,
Madrinha de D. Miguel,
Ajudae-me a vencer
Esta batalha cruel.

Fosteis ao Porto,
Converter liberaes.
Elles não quizeram,
Bemdita sejaes. (1)

D. Miguel é bonito,
E' bonito e bem feito,
Quebrou as pernas,
Ficou sem defeito. (2)

---

(1) De antiga data, costumavam fazer-se em Elvas differentes terços á noite, e n'um, que sahia de uma ermida da Guia, e que se compunha d'alguns devotos e d'uma pequena imagem de Nossa Senhora, quando passava pela frente d'alguma egreja, capitulava o mesmo terço com jaculatorias como a de que se trata. (1828)

(2) Allusão á queda da carruagem em Queluz. A carruagem era puxada por *zebras*, e guiada por D. Miguel.

O' *Sobalbaque*, ó *Sobalbaque*, (1)
Já vieste da Terceira,
Trazes de lá muita força,
Mas nenhum traz a bandeira.

D. Pedro Quarto
Que vem cá buscar?
D. Miguel Primeiro
Ha de reinar.

D. Pedro Quarto
Que vem cá fazer?
D. Miguel Primeiro
E' que ha de vencer.

Não posso levar a preço
Malhados calçarem botas,
Mestre Pedro, rei dos kágados,
Imperador das bolotas.

D. Pedro vae,
D. Pedro vem,
Mas não entra
Em Santarem.

---

(1) O brigadeiro João Shwalbac. Era commandante da brigada composta dos batalhões de caçadores 2 e 3, da expedição do Algarve, em julho de 1834. Em agosto de 1832 era tenente coronel de caçadores 3, e foi contuso gravemente em Souto Redondo.

João da Baiôa [1]
No seu cavallinho,
E co' a sua espada,
E' um passarinho.

João da Baiôa
E' um valentão,
Matou dezaseis
P'ra vingar o irmão.

João da Baiôa,
Morreu, já lá vae,
Lá ficou chorando
A mãe, mais o pae.

Táp'isso, olaré, táp'isso,
Táp'isso, que elles lá veem,
Fugiram, tiveram medo,
Da villa de Santarem. [2]

Táp'isso, olaré, táp'isso,
Táp'isso, que elles lá vão,
Toda a bocca se lambusa
A quem não comeu melão. [3]

---

(1) Guerrilheiro miguelista.
(2) Allude a uma das varias investidas mallogradas de Saldanha.
(3) A moda do *Táp'isso* era cantada com musica da opera *Elixir d'amor*.

Esta moda do táp'isso,
Quem na *havéra* d'inventar,
O batalhão dos polacos,
Para aprender a marchar.

Táp'isso, olaré, táp'isso,
Que é polaco e não é chouriço. (1)

Se eu fôra soldado
De artilheria,
Iria dar fim
De Dona Maria.

—✻—

3) TROVAS DOS LIBERAES

No meio da praça nova,
Uma velha apregoou:
Quem quer comprar, que eu vendo,
A moda do '*Rei chegou*.

---

(1) O batalhão formado dos operarios do arsenal do exercito era chamado dos *polacos* e da *ribeira dos chouriços*, em consequencia de um dos soldados haver furtado um chouriço na praça da Figueira.

Ai que lindos
Amor's que eu tenho,
Faça a cama
Que eu já venho. (1)

—Minha mãe dê-me pão.
—Seu pae não o ganhou,
Pegue no seu chapeusinho,
Vá cantar o *Rei chegou.*

D. Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá filho desta alma,
Abraça este coirão.

Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,

Rei chegou,
Rei fugiu,
Vá p'ra a...
....

Indo eu por hi abaixo
De vagar e descançado,
Ouvi gritar lá ao longe:
Mata, mata, que é *malhado.*

(1) Esta trova cantava-se com musica da opera *Elixir d'amor.*

Se vires algum *malhado*,
Inda que seja só um,
Deita-lhe as calças abaixo,
Mette-lhe as ventas no...

Se vires algum *malhado*,
De casaca ou casacão,
Deita-lhe a mão ao relogio:
—Viva a Santa Religião.

São *burros*, e mais que *burros*,
São *burros*, e comem palha,
São *burros*, e mais que *burros*,
De D. Miguel a vil canalha.

Todo contente e galhardo
'Stá D. Miguel em Lisboa,
Por vir metter a mãe freira
Na rua da Madragôa.

Olha D. Miguel,
Que grande maroto!
Leva a mãe p'lo braço,
Nasceu um p'r'ó outro.

Viva D. Miguel,
Elle é bem bonito,
Porque a sua testa
Nasceu p'ra cabrito.

Desterrem a D. Miguel,
Abaixo co'a fradalhada,
São ladrões e assassinos,
Nunca serviram de nada.

D. Miguel é um patife,
Que lhe faça bom proveito;
Não lhe bastam as casadas,
Foi-se a metter no convento.

Levantemos D. Miguel,
Vamos pôl-o n'um andor,
Nas profundas dos infernos
Para receber calor.

Dona Maria Segunda
Princeza do Brazil,
Rainha de Portugal,
Que ella p'ra cá ha-de vir.

Dona Maria Segunda
Rainha de Portugal,
Por ella nos foi dada
A carta *consti'cional.*

Lá no Rio de Janeiro
Appareceu um retrato,
Dona Maria Segunda,
Filha de Dom Pedro Quarto.

Quando do Brazil partiu
Princeza do Grão-Pará,
Seu pae lhe metteu no dedo
Um annel de piassá. (1)

Se eu fora soldado
De artilheiro,
Iria dar fim
De D. Miguel Primeiro.

Dona Maria Segunda,
Rainha de Portugal,
Ajudae-nos a vencer
Esta batalha real.

A filha de Pedro
Rainha ha de ser,
Por nós avancêmos,
Vencer ou morrer. (2)

Sua mão delicada
Bordou a bandeira,
Que altiva tremúla
Na heroica Terceira.

---

(1) O annel de piassá era um emblema do liberalismo; os prezos da Relação do Porto que estavam alli pelo crime de constitucionaes, vendiam d'estes anneis, como uma pequena industria. Eu tenho um d'esse tempo, a que agora ligo mais valor depois da referencia da cantiga. (Communicação do sr. dr. Theophilo Braga, em carta ao collector d'estas coplas).

(2) Copla de um hymno a D. Maria II. Cfr. *A Musa das Revoluções*, do sr. Alberto Pimentel, fl. 164.

Na patria comtigo
E' dôce viver:
Por ti e pela patria
Morrer ou vencer.

Vae á Serra, soldado valente,
De Christina ganhar a victoria...
Viva Dona Maria da Gloria.

Toca a caixa, acertá a marcha...
Toda a vida militei,
Dona Maria Segunda
E' rainha, não é rei.

OS MANDAMENTOS DOS MIGUELISTAS

Primeiro:
Dar vivas por dinheiro;
Segundo:
Chamar *malhado* a todo o mundo;
Terceiro:
Dar que fazer ao vidraceiro;
Quarto:
De vingança nunca farto;
Quinto:
Pôr o mundo em *lavarinto*;

Sexto:
Jurar por qualquer pretexto;
Setimo:
Ser carrasco e ter bom prestimo;
Oitavo:
Ter a religião por alvo;
Nono:
Tirar o seu a seu dono;
Decimo:
Dizer bem do que é pessimo.
Estes dez mandamentos
Encerram-se em dois:
Viver como os burros,
Ter canga como os bois.

=

Ai Jesus!
Isto é que é rir,
Ver os Migueis
Na praia a fugir;
Fujam Migueis,
Fujam brejeiros,
Vão p'r'ós ilheus
A furtar carneiros. (1)

(1) Allude, provavelmente, ao desembarque mallogrado á Terceira.

Paulo Cordeiro
Tambem fugiu,
Esse maldito
Ninguem o viu.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio
Becas tremendo,
Sem haver frio.

Se ella cá fica,
Tão boa peça,
De todo o povo
Tinha a remessa.
Ai, ai, ai,
Eu vi no Rocio,
O Duque (1) a tremer
Sem haver frio.

Lá vae primeiro
O Duque fraco,
Que por temor,
Fez-se macaco.
Ai, ai, ai,
Eu vio no Rocio,
O Duque a tremer
Sem haver frio.

(1) O Duque de Cadaval.

Isto é bem bom,
Está menos mau,
Tudo Remechido
Sabe a bacalhau. (1)

Ai é, não ai,
Viva' ós liberaes,
Francisco *Remão* (2)
Governo dos mais;

Governo dos mais,
De Beja governo,
Viva' ós liberaes
Que nunca tremeram;

Que nunca tremeram
E sempre p'r'ávante,
Francisco *Remão*
E' o seu commandante.

O João da Baiôa,
Mál-o Remechido,
Andavam na serra
De beiço cahido.

---

(1) Esta trova cantava-se no Algarve.
(2) Francisco Romão de Goes, tenente coronel do batalhão movel de Beja, ferido levemente no combate de Beja em 9 de julho de 1833.

O João da Baiôa
Que alarve que é!
Perdeu o cavallo,
Agora anda a pé.

O João da Baiôa
ubiu ao outeiro,
endeu o cavallo
or não ter dinheiro.

ão da Baiôa
il-o Remechido,
á sentado a mesa
beiço cahido.

rcha o quarto,
cha o quinto,
cha o sexto
ilhão,
que lindos
r's que eu tenho,
aipiras
vão. (1)

Tap'isso, olaré, tap'isso
Tap'isso, que elles lá veem,
Fugiram, tiveram medo,
Deixaram Santarem. (1)

Já não soffremos
Tanta tyrannia,
Viva a liberdade,
Haja alegria.

D. Pedro e D. Miguel
São filhos de D. João,
D. Pedro venceu a guerra,
Assecegou a nação.

Nobre duque da Terceira,
A honradez em pessoa,
Foi que' fêz manter a ordem
Na cidade de Lisboa;

Quando D. Miguel andava
Pelas ruas de Lisboa,
Sempre de ventas no ar,
Sem ter cheiro a coisa bôa.

---

(1) Allude á retirada de Santarem sobre Evora Monte. Esta trova cantava-se com musica da opera *Elixir d'amor*.

Subiu ao throno a Rainha
Não pôde *assubir* mais alto:
Dona Maria Segunda,
Filha de D. Pedro Quarto.

Morreu Custodio,
Meirinho fino,
Filante mor
Desde menino. (1)

III

TROVAS ALLUSIVAS
Á
REVOLUÇÃO DE SETEMBRO
(1836-37)

—

1) TROVAS DOS SETEMBRISTAS

N*ecionaes* á bainêta,
Rainha lealdade;
Por nossos feitos viva,
Viva a libradade. (1)

---

(1) Estes versos viciados são os do *Côro* da *Canção de liberdade* dedicada á guarda nacional e tropa de linha em 1836; *Côro* que diz assim:

Nacionaes á bayoneta;
A' rainha lealdade;
Em nossos peitos viva,
Viva a liberdade.

Cfr. *A Musa das Revoluções*, do sr. Alberto Pimentel, fl. 201.

ae ó povo d'Elvas,
:oragem e união,
lefender dos *Pedreiros*
sa religião.

:onstancia e firmeza
e-os, segui-lhe os *passos,*
rar os rapazes
ıs envenenados laços.

ıerem Rei, nem Altar,
ı trolhas e colheres,
ı tambem uns dos outros
filhas e mulheres.

;rar os papalvos
em-lhe grandes dinheiros,
elles não são mais
famintos caloteiros.

› e bem depr

E' o nome que adoptou
Este rancho de patifes,
Mas para entreter os cães
Da carne lhe faremos bifes.

Aos mesmos *Clubeis* iremos
Esta diligencia fazer,
Para ver se estes *Pedreiros*
Tremem ou não de morrer.

Este *Passos,* que foi mestre
De seu filho em poesia,
Deve entre a *pedreirada*
Ter a sua primazia.

Dizem que é jubilado
Em a tal religião,
O que todos bem duvidam,
Por ser grande toleirão.

—✱—

IV

TROVAS ALLUSIVAS
AO
PRONUNCIAMENTO DA PRAÇA D'ALMEIDA
(1844)

Está em Almeida encerrada [1]
Uma hypocrita facção,
Que pretende lançar em terra
De 26 constituição.

Mas em peitos lusitanos
Não tem echo a traição,
Cumpre agora soldados
A de 26 constituição.

---

(1) Em virtude do cerco posto á praça d'Almeida, sendo ministro o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, depois marquez de Thomar.

V

MARIA DA FONTE

(1846-7)

—

1) TROVAS DOS PATULEAS

Eia! ávante, portuguezes,
Eia! ávante e não temer,
Pela santa liberdade
Triumphar ou perecer. (1)

Embora Lisboa durma
O somno da escravidão,
Algum dia acordará
Ao ribombo do canhão. (2)

(1) Côro do hymno da *Maria da Fonte*.
(2) Excerpto do *Hymno academico*.

Quando da patria.
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morrermos sim. [1]

Essa mulher lá do Minho,
Que da fouce fez espada,
Ha de ter na nossa historia
Uma pagina dourada.

A mulher que lá do Minho
Fez da força dura espada,
Deve ter na lusa historia,
Uma palma illuminada.

Dona Maria da Fonte
E' 'ma mulher com'ás mais,
Com pistolas e clavinas
Para matar os Cabraes.

Viva a Maria da Fonte,
Co'a sua lança na mão,
Para matar os Cabraes,
Que são falsos á nação.

A Maria da Fonte
A cavallo sem cahir,
Com 'ma corneta na mão
A tocar a reunir.

(1) Côro do *Hymno academico.*

A Maria da Fonte
Da fouce fez um punhal,
E marchou para Lisboa
Para matar o Cabral.

A Maria da Fonte
E' do Minho natural,
E dá o sangue e a vida
P'ra defender Portugal.

A Maria da Fonte
Disse comsigo:
Vou para o norte
Combater o inimigo.

Eia, ávante, meus guerreiros,
Vá ávante, sem temer,
Quem do peito faz muralha
Nunca tréme a combater.

Dona Maria da Fonte
Leva ávante sem temer,
Pela Santa Religião
Triumphar até morrer.

A Maria da Fonte
E' uma grande matrona,
Passou revista á tropa
Vestida de amazona.

Dona Maria da Fonte
E' bonita e córada,
O governador civil
Diz que hade arrasar Braga.

Ailé,
Viva a Maria da Fonte,
Quer sentada, quer de pé.

Certo dia lá no Porto,
Nobre duque da Terceira,
Apesar de ser macaco,
Cahiu na ratoeira.

Eu hei de ir ao Porto
Ver o duque da Terceira,
As carantonhas que faz
Dentro da ratoeira.

Vamos atirar ao ninho,
Que é o duque da Terceira,
Vamos vêr as carantonhas
Que elle faz na ratoeira.

Quem me dera ir ao Porto,
Vêr o duque da Terceira,
Para vêr as carantonhas
Que elle faz na ratoeira.

Olha a bella da Rainha,
Anda na róca a fiar,
Para ganhar dois e cinco
P'r'ás suas tropas pagar.

A Maria da Fonte
E' uma guerreira boa,
Jurou á sua tropa
D'entrar em Lisboa.

Vamos para a frente,
Vamos sem temer,
Bater o Saldanha
Até morrer.

A Maria da Fonte,
E' uma mulher guerreira,
Bateu-se com o Saldanha
Na provincia da Beira.

A Maria da Fonte,
Com a sua espada na mão,
Jurou vencer
Toda a nação.

Fallou á sua tropa:
—Vamos para a frente,
Bater o Saldanha
E cortar-lhe a frente.

Lá no centro da peleja,
Sôa o grito da victoria,
Para a frente portuguezes,
Tereis nome na lusa historia.

Os patuléas de Braga
Os de Barcellos e Monsão,
acrificam a vida
ara salvar a nação.

Junta do Porto
ometteu auxiliar
partido septembrista,
a victoria ganhar.

tropas da Rainha,
são para temer,
ávante, portuguezes,
mphar até morrer.

nha p'ra cima,
nha p'ra baixo,
ão passa
rtaxo.

nas, ás arm...

Maria sem Carta
No throno a não qu'remos. (1)

O ladrão do Cabral
Quer esmagar o povo,
Mas a Maria da Fonte
Vai a pôr governo novo.

Viva Deus e a Virgem
A todos os santos se reze,
Ha-de vencer a Maria
Ainda que ao Saldanha pese.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher de feição,
Uniu-se com o Povoas (2)
P'ra defender a nação.

A Maria da Fonte,
E' 'ma mulher com'ás mais,
Traz um cento de pistolas
Para matar os Cabraes.

Viva a Maria da Fonte,
Com suas esporas de prata,
A cavallo na Rainha,
C'o Saldanha á arreata.

---

(1) Paraphrase do côro do hymno patriotico, que vem a pag. 163 da *Musa das Revoluções* do sr. Alberto Pimentel.

(2) O general Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas, marechal de campo desde 1820, com accesso a tenente general.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher imponente,
Pelo meio das fileiras
Distribuindo aguardente.

Lá no campo da peleja
Se ostenta o pendão,
Temos certa a victoria
P'ra regosijo da nação.

As tropas do Saldanha
Não são para temer,
Temos forças sup'riores
Para as combater.

Viva o conde de Mello,
Viva o Sá da Bandeira,
Viva a Maria da Fonte,
Que é a nossa companheira.

A'vante, caçadores,
A'vante, tropa de linha,
Vamos bater o Saldanha
E as forças da Rainha.

Dona Maria Segunda
Está a fiar na roca,
Para pagar ao Saldanha
E mál-'á sua tropa.

O combate de Vianna [1]
Foi ao pé da Oliveira,
Entre mortos e feridos
Quem venceu foi o *Nogueira*. [2]

O valente Sá da Bandeira,
Todo cheio de regosijo,
Bateu o Vinhaes [3]
No alto do Viso.

O Galamba [4] é general,
O Batalha [5] é um ladrão,
Leva sempre pela cara
Não deixa de ser fanfarrão.

O' Galamba, avança, avança,
Já é tempo d'avançar,
O pé esquerdo rompe a marcha:
Alto frente! Perfilar!

---

(1) Vianna do Alemtejo.

(2) *Nogueira*, ou *Silveira?* Joaquim Epiphanio da *Silveira*, alferes de cavallaria n.º 1, retirando com o seu regimento, apenas viu que caçadores n.º 5 sahiu do olival, deu a voz de «tres meia volta», carregou sobre caçadores e desbaratou tudo, restando do regimento de caçadores apenas 200 praças.

(3) O conde de Vinhaes.

(4) Antonio Manoel Soares Galamba, celebre guerrilheiro patuléa.

(5) Guerrilheiro, de Portel.

O maroto do *Salvaque* (1)
Traz chapeu de abrir fileiras,
Veio co'a sua tropa a Evora
P'ra deshonrar as quintaneiras.

O maroto do *Salvaque*
E' amigo da Rainha,
O que veio matar a Evora
Foi um gallo e 'ma gallinha.

A mulher do *Salvaque*
'Stá fiando n'uma roca,
Para ganhar trinta réis
P'ra pagar á sua tropa.

Lá dizem que appareceu
Um duque e *Sualbéque,* (2)
Arvore nenhuma nasceu
Que não cáia, ou não se séque.

O *Salvaque* já morreu,
Mas não lhe acharam dinheiro,
Já se acabaram os sustos
Das moças do Vimieiro.

---

(1) O general João Schwalbac.
(2) Idem.

O *Salvaque* já morreu
Já lá vae para a Bahia (?):
Todas as mortes dão pena
E a d'elle deu alegria.

O *Salvaque* já morreu,
Já se foi a enterrar,
Quinze cães, quatorze gatos,
O foram acompanhar.

Já mataram o Galamba,
Ninguem lhe deu o valor,
Já o levaram á morte,
Quem o matou foi traidor.

Se não viessem as nações
Acudir á Rainha,
Adeus Saldanha
Que te faziam em farinha. (1)

Com o auxilio das nações
A Rainha venceu.
Adeus Maria da Fonte,
O teu exercito pereceu.

---

(1) «Li com o maximo interesse a collecção das Cantigas politicas, e fiquei assombrado quando aí vi que a traição da dynastia de Bragança, chamando contra a nação uma intervenção armada, não passara desapercebida á consciencia e á voz d'este povo». (Communicação do sr. dr. Theophilo Braga, em carta ao collector d'estas trovas).

Não voltes ao campo
Que perdeste a victoria,
Com nações extrangeiras,
Não póde haver gloria.

Adeus Maria da Fonte
Foste mulher leal,
Fica-te a fama
Na historia de Portugal.

---

2) TROVAS DOS CABRALISTAS

Eia! ávante, portuguezes,
Eia! ávante, e não temer,
Pela santa liberdade
Meio mundo se ha de perder.

Eia! ávante, patuléas,
Eia! ávante, sem fugir,
Pela santa liberdade
Meio mundo anda a tenir. (1)

mulher que lá do Minho
ez da fouce dura espada,
eve ter na lusa historia

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher varonil,
A cavallo n'uma canna
A tocar a reunir.

A Maria da Fonte
E' 'ma mulher varonil,
Foi á fonte com um cantaro,
Veio de lá com um barril.

Lá 'stá Maria da Fonte
Assentada no bahú,
Com as pistolas á cinta,
Dando fogo pelo...

Todo o homem que tem honra
Não lhe surge tal idéa,
D'abandonar as bandeiras
E fugir p'r'á patuléa.

Eia! ávante, patuléas,
Raça infame sem dinheiro,
Trocaram Rainha e Carta
Pelo tal Miguel Primeiro.

Os *chamorros* de Vieira (1)
São poucos mas são valentes,
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

---

(1) No concelho de Vieira é que se originaram os tumultos d *Maria da Fonte.*

Os *chamorros* de Vieira
Já não sabem comer pão,
Comem caldos de farelos
Adubados com sabão.

O povo não vale nada,
Os guerrilhas nada são,
Onde chega o dezaseis [1]
Treme a terra, bole o chão.

Avança, caçadores, avança,
Avança, tropa de linha,
Matae o conde das Antas
Que foi falso á Rainha.

Avança, caçadores, avança,
Avança aos olivaes,
Matae o conde das Antas
Que foi falso aos liberaes.

O ladrão do conde Mello
Usa calças sem presilhas,
Anda roubando os povos
Para sustentar guerrilhas.

Pela campa de D. Pedro
Jurou o immortal Saldanha
Defender a Rainha,
Ou morrer por tal façanha.

(1) Infanteria n.º 16.

O Saldanha entrou no Porto
Ao toque de assembléa,
Com uma espada na mão
P'ra dar fim á patuléa.

Avança, caçadores, avança,
Juntamente a artilheria,
Matae o conde das Antas
Que foi falso a D. Maria.

O maroto do Galamba
Assentado á janella
Roendo pés de burrinho,
Pensando que era vitella.

Quando o *Salvaque* chegou
Ao convento de S. Bento,
Disse para a sua tropa:
—'Stamos aqui, 'stâmos dentro

Quando o *Salvaque* chegou
Ao convento do Espinheiro,
Disse para a sua tropa:
Ev'ra tem muito dinheiro.

Regimento do 13 (1)
Sargentos e officiaes,
Quando toca a retirar
E' quando avançam mais.

---

(1) De Chaves.

A'vante, soldados,
Corrâmos ás fileiras,
Defender com nossas armas
As nossas reaes bandeiras.

Coimbra illustrada,
As armas tomando,
Só quer por divisa
Maria e Fernando (1)

A Maria da Fonte
Era de faca e calhau,
Para enganar as tropas
Tocava n'um berimbau.

---

(1) Coro de um hymno cartista. Eis o hymno:

Já repousa a Lusa Athenas,
Sem temer traidora sanha,
A' sombra dos patrios louros
Do nobre, invicto Saldanha.

Coimbra illustrada,
As armas tomando,
Só quer por divisa
Maria e Fernando.

Já da perfida anarchia
Pelo valor libertados,
Nas lusas, leaes, fileiras
Vamos ser leaes soldados.

Coimbra illustrada, etc.

Vamos á patria mostrar
Nosso brio e lealdade,
Sustentando valorosos
A carta e a liberdade.

Coimbra illustrada, etc.

Se a perfidia quer vaidosa
Com grilhões Lisia trazer,
Nossos brios, nossas armas,
A farão arrepender.

Coimbra illustrada, etc.

D'Excelsa Augusta Rainha
Sustentemos os direitos,
Sirvam quaes ferreos escudos
Nossos leaes, gratos peitos.

Coimbra illustrada, etc.

8

A Maria da Fonte
Mettida n'uma taberna,
Dava lei a todo o mundo
Tirando a faca da perna.

Excerptos do "Hymno do cáe-lhe o fato" (1)

Duzentos bejenses,
De valor armados,
A patria deixaram
Por dever sagrado.
. . . .
. . . .

(Côro)

A'vante bejenses,
A'vante, sem temor,
Defender a Rainha,
Ou morrer por tal penhor.

---

(1) O batalhão denominado *de Beja*, composto de populares cartistas, commandado pelo sr. Marianno de Sousa, hoje visconde da Boa-Vista, entrou em Elvas, em principios de 1847, sem capotes e de mantas ás costas, e por isso o denominaram *batalhão do cae-lhe o fato*. Abrigou-se nos quarteis do redente do Cascalho. Tambem lhe chamavam *batalhão da meia*, por motivo de os soldados se occuparem em fazer meia nas estações da guarda, quando não estavam de sentinella.

Excerpto do "Hymno algarvio"

Quem pela rainha e carta
Arrisca todo o porvir,
Com falsarios colligados
Jamais pode transigir.
. . . .

Excerptos do "Hymno de artilheria n.º 3"

Bravo 3 d'artilheria,
Modelo da lealdade,
Tens escripto na bandeira:
Defensor da liberdade.

Bravo chefe tambem tendes,
Honrado, bravo e leal,
Portuguez d'antiga data
E do antigo Portugal.
. . . .
. . . .

(Côro)

Artilheiros, eia, ávante,
Desenrolae o pendão,
A liberdade dos povos
Seja o seu maior brazão.

O JOGO DO TRINTA E UM

Jogavam o trinta e um
Antas, Saldanha, e Terceira,
Cazal, Vinhaes, e Bomfim,
Povoas, e Sá da Bandeira.

Era o bôlo c'rôa d'ouro,
D'estas que tem cunho novo,
Que os grandes conhecem bem,
Mas que mal conhece o povo.

Todos querem possuil-a,
Todos a querem ganhar,
Uns para logo a trocar,
Outros para a conservar.

O Terceira, que era mão,
Pediu Carta, mas passou;
Lançou as cartas á meza
Poz-se a vêr, não mais jogou.

O Antas, que é fanfarrão,
Proclamou que ia ganhar;
Pediu Carta e disse—fico;
Teve mêdo de passar.

O Saldanha, sempre attento,
Cauteloso se mostrava;
Pediu Carta, mas ficou,
O Antas o observava.

Vendo o Bomfim que no jogo
Já dois se haviam ficado,
Quiz mostrar-se mais audaz,
E passou, foi desgraçado.

O Cazal, que antes ganhara
Não queria agora perder;
Ficou porém em máu ponto;
Jogava para entreter.

Veio o Povoas lá de longe,
Doente, velho, estafado,
Mesmo assim chegou á mêsa,
Tinha o fito no condado.

Começou logo a jogar,
Ficou, e não ficou mal,
Porque o ponto era subido,
E observava o Cazal.

Vinhaes, que tambem jogava
Da mêsa estava afastado;
Não lhe tinham dado Carta,
Par'cia estar amuado.

Mas de repente surgiu,
Pediu mais Carta, e jogou,
Mas apesar de tal carta
Tambem afinal ficou.

Restava o Sá da Bandeira,
Que tinha muito perdido;
Pretendia desforrar-se
Fazendo jogo atrevido.

Com máu ponto e atrapàlhado,
Pediu Carta, e pediu mais,
E por fim tambem ficou,
Olhando para o Vinhaes.

Ninguem tinha trinta e um;
E os que se tinham ficado,
Cada um mostrava o ponto,
E estava tudo empatado.

Respeitavel personagem,
Que todos conhecem bem,
E' que tinha no tal bôlo
Mais int'resse que ninguem.

Vendo a todos em torpôr,
Em apathia de facto,
Lhes diz então: Meus senhores,
Eu agora desempato.

E convocando os visinhos,
Que vieram ajudal-a,
Se dirige aos jogadores,
E d'esta sorte lhes falla:

«Senhores, basta de jogo;
«Dura tem sido a lição,
«Agora todos p'ra casa
«Se assim o querem... se não...

Assim se acabou o jogo,
Que oxalá não começára;
A lição não só foi dura,
Mas até custou bem cára!!!

VI

MOVIMENTO DA "REGENERAÇÃO"

(1851)

O Saldanha come ervilhas,
O Conde [1] come morangos,
Coitados dos pequenos,
Que elles lá se entendem ambos.

O Conde come tripas,
O Saldanha orelheira,
Coitados dos pequenos,
Que para elles é a feira.

O Saldanha é um rei
No seu garbo militar;
Com toda a sua façanha
O throno fez oscillar.

---

(1) O Conde de Thomar.

Nobre duque de Saldanha,
Todo impavido e valente,
Pelo meio das fileiras,
Animando a sua gente.

=

Abaixo a tal Saldanhada,
Que isto não presta p'ra nada.

O maroto do Saldanha
A morte devia ter,
Quando, com todo o descaro,
Com D. Fernando foi ter.

O maroto do Saldanha
Pôz sua honra de parte,
Chegou a tudo que quiz,
Imitando a Bonaparte.

Fez bem o tal Saldanha,
Até certo ponto,
De vir para cá
Apanhar tanto conto.

VII

VARIA

De pato a penna, ou *pirum*,
Toma o poeta e apara,
E tanto que a prepara
Escreve sem medo algum.
Tres vezes sete vinte e um
Vinte um *nós* fóra tres,
Trinta dias tem no mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Que é Geral, Mendonça e Marquez. (1)

(Parodia)

Com penna de pato, ou *pirum*,
Escreve o poeta, e apara,

(1) *Geral*:—Fr. João de Mansilha, provincial e visitador geral da religião dominicana e deputado do conselho geral do Santo Officio. *Mendonça*:—Fr. Manoel de Mendonça, Dom abbade de Alcobaça, esmoler mor e reformador da Ordem de S. Bernando em Portugal.—*Marquez*:—O marquez de Pombal. (1777)

E depois que a penna prepara,
Escreve sem medo algum.
Tres vezes sete vinte um,
Vinte um noves fora tres.
Trinta dias tem o mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Conde, Duque, e Marquez. (1)

Ditosa Villa de Castro, (2)
Donde o Senhor appar'ceu,
Onde D. Affonso Henriques
Sua batalha venceu.

Deus fez das Cinco-Chagas
As fontes sacramentaes,
E depois d'ellas formou
As lusas armas reaes.

Portugal é invejado
Por toda a nação 'strangeira,
Só por ter as Cinco-Chagas
Na sua real bandeira.

—O' aldêa, ó aldêa,
Que é dos teus aldeanos?
—Andam por terras alhêas,
Fugindo aos castelhanos.

---

(1) *Conde* d'Armamar? *Duque* d'Aveiro? *Marquez* de Villa Real?
(2) Castro Verde.

Graças a Deus que já temos
Em Portugal um rei novo, (1)
Foi c'roado pelos anjos,
Acclamado pelo povo.

A D. Maria Pia
E' branca com'ó papel,
Esposa de D. Luiz,
Filha de Victor Manoel.

Dona Maria Pia
Em tudo é uma flôr,
Esposa de D. Luiz,
Filha do Imperador.

Portugal está perdido,
D. Luiz assim o quiz,
Se D. Pedro fosse vivo
Portugal era feliz.

Lá no campo da manobra
'Stão duas barracas de lona,
Quando não 'stá a chover
Anda tudo n'uma fona.

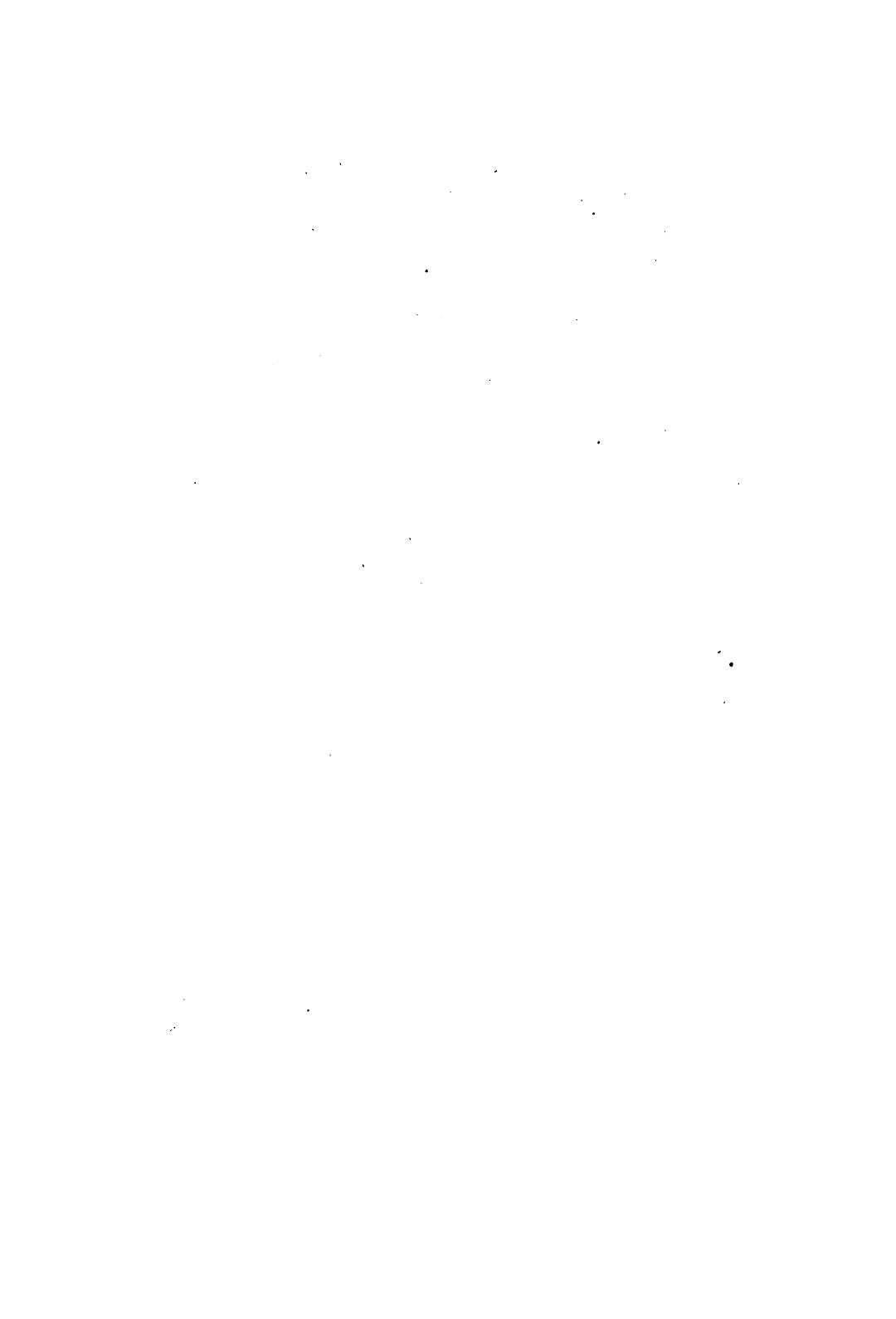
---

(1) D. Pedro V.

Lá no campo da manobra
'Stá-se a formar um jardim,
Para passear o cavallo
Do nosso general Prim. [1]

O' Fontes P'reira de Mello
Tem compaixão da pobreza,
Não queiras desgraçar
Esta nação portugueza.

---

(1) Fontes Pereira de Mello?

Na colheita d'estas trovas populares fui coadjuvado pelos ex.mos srs:

Adolpho Coelho.
Capitão Angelo Gualter Ribeiro Couceiro.
Capitão Antonio Maria de Sá Chaves Pinto.
Dr. Antonio Teixeira Felix da Costa.
General Francisco José Maria Vivaldo.
Francisco Simões de Carvalho.
Major Leopoldo Frederico Infante Fernandes.
Capitão Joaquim Maria Soeiro de Brito.
Major José Joaquim Ferreira.
Tenente coronel Manoel Antonio d'Araujo.
Major Manoel José da Costa e Silva.
Capitão Rodolpho Augusto de Passos e Sousa.
Capitão Victorino de Sant'Anna Pereira d'Almada.

CORRIGENDA

A pag. 5, verso 1.º, está: *corcurda* em vez de *corcunda*.

A pag. 6, em a nota, está: *Beresfort* em vez de *Beresford*.

A pag. 7, verso 8.º, está: *consti'cional* em vez de *const'cional*.

A pag. 8, verso 8.º, está: *terminaes* em vez de *d'terminaes*.

A pag. 8, verso 14.º, está: *consti'cionaes* em vez de *const'cionaes*.

A pag. 27, verso 20.º, está: *consti'cional* em vez de *const'cional*.